
O ESPAÇO SOCIAL E A IDENTIDADE SEXUAL NA PÓS-MODERNIDADE

Naiane França da Silva¹

RESUMO

Este trabalho tenta mostrar como as transformações sociais interferem na construção de novas identidades de gênero e de sexo e, conseqüentemente, como elas são constituídas culturalmente. Pretendeu-se também, identificar de que forma as relações de poder influenciam no olhar para a sexualidade. A metodologia parte das ideias expostas por Guacira Lopes Louro e Stuart Hall sobre as “políticas de identidades”. Nesse diálogo intertextual foram interagidas teorias sobre estudos culturais, da pós-modernidade e de identidade de gênero. Em consonância com Guacira, as várias formas de se vivenciar prazeres corporais, masculinos e/ou femininos, são divulgadas e influenciadas socialmente de maneira explícita pelos diferentes meios de comunicação. Tal evidência marca uma transformação no olhar para a sexualidade. Essas transformações interferem direta e indiretamente nos modos de viver e na construção das identidades de gênero e sexuais, podendo ter uma dimensão maior ao atingir a “essência” do próprio sujeito. Desse jeito, a sociedade separa e discrimina parte das pessoas que não seguem rótulos estabelecidos. Além disso, para que se discuta sobre como as relações de poder interferem na identidade e na diferença, é preciso expor os binarismos em que elas se organizam, visto que são fatores culturais determinados pelos sistemas simbólicos que a compõem. Enfim, os estudos sobre as relações históricas entre o poder e o discurso acerca da sexualidade tem um projeto circular, pois ambos são mutuamente dependentes. Em consequência disso, nas palavras de Foucault, essa relação de poder-saber são “matrizes de transformações”.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como tema a identidade sexual na pós-modernidade. Tem como objetivo identificar de que forma as relações de poder influenciam no olhar para a sexualidade. Para isso, foi desenvolvida uma pesquisa a partir dos múltiplos discursos atingidos pelos estudos culturais nas perspectivas sexual e de gênero, proporcionadas pelas reflexões feministas e do descentramento da sexualidade heterossexual.

Historicamente, os sujeitos tornam-se conscientes de seus corpos na medida em que há um investimento disciplinar sobre eles. É por meio da representação que a identidade e a diferença passam a existir e se ligam a sistemas de poder. Meninos e meninas aprendem

¹ Graduada em Letras(UNIT) e Pós-graduanda em Ensino de Português e Literatura (UFS).

desde cedo piadas e gozações, apelidos e gestos direcionados àqueles que não se ajustam aos padrões de gênero e de sexualidades admitidos na cultura em que vivem. A escola, igreja, família e a sociedade em geral são instituições que determinam e moldam comportamentos. A mídia, sobretudo, estabelece padrões de personalidade. Dessa forma, separam e discriminam parte das pessoas que não seguem rótulos estabelecidos.

Segundo Guacira Lopes Louro (2001), nossos corpos constituem nossa própria identidade e recebem significação e alteração pela cultura continuamente. Há algumas décadas, a sexualidade parecia não ter nenhuma dimensão social, esse era um assunto particular que, eventualmente, era confidenciado a um (a) amigo (a) próximo (a). viver plenamente a sexualidade era privilégio da vida adulta, a ser partilhado apenas com um parceiro do sexo oposto. Hoje, as várias formas de se vivenciar prazeres corporais são divulgadas e influenciadas socialmente de maneira explícita pelos diferentes meios de comunicação.

Enfim, o estudo sobre as relações históricas entre o poder e o discurso acerca da sexualidade tem um projeto circular, pois ambos são mutuamente dependentes. Em consequência disso, essa relação dialógica proporciona transformações na sociedade a qual produz uma variante de diferentes “posições de sujeito” para o indivíduo. No entanto, como os valores vão mudando a concepção do homem ao longo do tempo, a modernidade caracterizada pela “diferença” vem a cada dia ganhando aceitabilidade plausível.

A DIMENSÃO SOCIAL ATINGIDA PELA SEXUALIDADE

Observa-se que as crescentes divulgações e comentários diretamente expostos acerca da sexualidade acoplada às suas manifestações corporais pelos mais variados meios de comunicação, seja pela televisão, rádio, livros, revistas e, mais recentemente, pelo computador conectado à internet, vem direcionando uma nova posição e, conseqüentemente, uma mudança cultura (que sobressai a comportamental) no olhar para a formação de identidades sexuais ante não aceitas e, por este motivo, desprezadas pela sociedade. A exposição dos corpos tem importante papel persuasivo sobre os consumidores

nas diferentes propagandas publicitárias. Com o intuito de chamar a atenção masculina, mulheres são personagens centrais na divulgação de cervejas, por exemplo. Tal procedimento pode ser justificado pelo fato de os homens consumirem mais bebidas alcoólicas que o público feminino. Michel Foucault (1988) ilustra o que foi mencionado acima em seu livro *História da Sexualidade I: a vontade de saber*:

Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados de maior instrumentalidade: utilizável num maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias. (p. 98)

As distintas possibilidades de se vivenciar desejos corporais são sempre anunciadas socialmente, hoje com mais frequência e de forma explícita, o que interfere, direta ou indiretamente, no modo de viver e na construção de novas identidades de gênero e sexuais. Importante mencionar que “novas identidades sociais tornam-se visíveis, provocando em seu processo de afirmação e diferenciação novas divisões sociais e o nascimento do que passou a ser conhecido como ‘política de identidades’” (HALL, 1997; *apud* LOURO, 2001, p. 10). Categorias e fronteiras sexuais consideradas por muito tempo imutáveis e universais ganham novos sentidos e são, portanto, definidas por relações sociais e moldadas pelas redes de poder de determinada sociedade. Em vista disso, torna-se coerente ratificar que “a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política” (LOURO, 2001, p. 11).

Nesse contexto pós-moderno, a mídia divulga novas ousadas e práticas sexuais e de gênero, como o fato de mulheres assumirem “gravidez independente”, abrigando sêmem congelado no momento em que lhe prouver mais oportuno. Vez em quando, há reivindicação por intervenções médicas e psicológicas num processo de transexualidade. A espacialidade sexual fica suspensa nas conexões pela internet, já que indivíduos assumem identidades múltiplas e ignoram dimensões temporais, sexuais e, sobretudo, espaciais no estabelecimento de relações amorosas. Outro fator marcante dessas práticas sexuais está no fato de que uniões homossexuais ganham estabilidade e visibilidade rotineira crescentemente, embora ainda haja resistência.

Trata-se, em grande parte das ocorrências, de uma “hibridização forçada”. Esse processo confunde a suposta pureza e insolubilidade dos grupos que se reúnem sob as diferentes identidades, de forma que por meio do hibridismo, tais identidades não são mais essencialmente originais, mesmo com a permanência de alguns traços delas. É preciso reconhecer o impacto causado pela globalização sobre a identidade cultural e assumir que o “hibridismo está ligado aos movimentos demográficos que permitem o contato entre diferentes identidades: as diásporas, os deslocamentos nômades, as viagens, os cruzamentos de fronteiras” (HALL, 1997, p. 87). Dessa forma, a possibilidade de “cruzar fronteiras”, de ter uma identidade ambígua, indefinida, é uma demonstração do caráter “artificialmente” imposto pelas identidades fixas.

Diante da (des)centralidade que a sexualidade vem adquirindo nas modernas sociedades, parece viável afirmar que o corpo é visto como o que o sujeito é ou pode se tornar, portanto, constitui a própria identidade. Guacira Lopes Louro (2001) esclarece que “a admissão de uma nova identidade sexual ou de uma nova identidade de gênero é considerada uma operação essencial, uma alteração que atinge a “essência” do sujeito” (p. 13). Os corpos, segundo a autora, recebem significação e são alterados pela cultura continuamente. Por esse motivo se fala em “política de identidade”: o poder decide como a representação será processada. Contudo, quando os sujeitos são classificados, o meio social impõe divisões que determinam novas identidades. Desse jeito, a sociedade discrimina àqueles que desobedecem as “regras” estabelecidas. Outras esferas e instituições, como a mídia, a escola e a igreja contribuem negativamente para a produção de discursos preconceituosos e contraditórios.

Na escola, muitas vezes, os corpos são “ensinados, disciplinados, medidos, avaliados, examinados, aprovados (ou não), categorizados, magoados, coagidos, consentidos...” (LOURO, p. 18) para a produção de homens e mulheres “de verdade” (determinada pelo meio social). O homem de “verdade”, nesse caso, deveria ser ponderado, controlado, provavelmente contido na expressão de seus sentimentos. Em consequência disso, se pode supor que a expressão de emoções e o entusiasmo demais seriam

considerados, em contraponto, características femininas. Todas essas práticas e linguagens constituem sujeitos femininos e masculinos; são, portanto, produtores de “marcas”. Frases do tipo “homens não choram” e “lugar de mulher é na cozinha” exemplificam bem tais determinações. Os sentidos são treinados para perceber e decodificar essas marcas, de maneira a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam. Além disso, para que se discuta como as relações de poder interferem na identidade e na diferença, é preciso expor os binarismos em que elas se organizam. O fato de normatizar (eleger) certa identidade como parâmetro é a forma mais sutil de dominação, portanto, não é um processo instantâneo, exige estratégias ideológicas diversas que, pouco a pouco dominam de uma maneira aparentemente natural. Em consonância com o que foi exposto, a identidade e a diferença podem ser vistos como fatores culturais determinados pelos sistemas simbólicos que a compõem.

A norma que se estabelece com predominância histórica no meio social, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristã, passando esta a ser tratada como referência. Nessa perspectiva, a mulher ainda é representada como o “segundo sexo” e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual, sendo organizadas como “antinaturais, peculiares e anormais”. A partir dessa posição institui-se o preconceito arraigado nas sociedades contemporâneas.

Retomando ao ambiente escolar, não se pretende conferir à escola nem o poder nem a total responsabilidade de explicar as identidades sociais, muito menos de determiná-las definitivamente, mas é preciso reconhecer que suas imposições e proibições fazem sentido e têm “efeito de verdade. Crianças aprendem, desde cedo, apelidos, piadas e gestos contra aos que não se ajustam aos padrões determinados institucionalmente.

A escola é, sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém “assuma” sua condição de homossexual, provavelmente porque nega e ignora essa nova identidade e, dessa forma, oferece poucas identidades para que os adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. A instituição escolar passa por um processo de transição,

com relação à sexualidade, de um lugar do conhecimento para o da ignorância. Como se a homossexualidade fosse “contagiosa”, cria-se uma grande aversão a sujeitos homossexuais; a aproximação pode ser entendida como uma aderência a tal prática ou identidade. No entanto, os valores estão continuamente modificando a concepção do homem e essas práticas estão sendo atualmente mais aceitáveis.

RELAÇÕES IDENTITÁRIAS E SEXUAIS NA PÓS-MODERNIDADE

É notório que as sociedades da modernidade são caracterizadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variante de diferentes “posições de sujeito” – isto é, identidades – para os indivíduos. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia, considerando-se que a individualidade é uma união entre múltiplas identidades; é a estrutura da identidade permanentemente aberta.

A “Crise de identidade” é vista por Stuart Hall (2002), no livro “A identidade cultural na pós-modernidade”, como um processo mais amplo de mudança. Para ele, o que provoca essa crise é um duplo deslocamento do indivíduo – descentração “de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos” (HALL, 2002, p. 09). O processo de transformação mencionado representa-se como fundante das três concepções de identidade propostas pelo autor: para o *Sujeito do Iluminismo*, o “centro” consistia num núcleo interior e era uma concepção “individualista” de sujeito, já que estava usualmente descrito como masculino; já o *Sujeito Sociológico*, refletia a crescente e agitada mudança do mundo moderno e não se centrava mais apenas em seu interior, percebendo a importância dos sujeitos e dos valores culturais do mundo em que ele/ela estava inserido (a); por fim, o *Sujeito pós-moderno* é conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, assumindo-a de diferentes formas em diferentes momentos. Esta última concepção é a que reside atualmente no conturbado meio sociocultural.

No tocante à sexualidade, Michel Foucault (1988), apresenta-a, em “História da sexualidade: a vontade de saber”, como um dispositivo histórico, admitindo que as relações sexuais deram lugar, em toda sociedade, a um dispositivo da aliança, sistema de matrimônio,

de fixação e desenvolvimento do parentesco, de transmissão dos nomes e dos bens; e posteriormente, a um dispositivo da sexualidade que, como o da aliança este se articula aos parceiros sexuais, mas de um modo diferente. Para o primeiro, o que é pertinente é o vínculo entre os parceiros com status definido; já para o segundo, são as sensações do corpo, a qualidade dos prazeres, a natureza das impressões, por tênues ou imperceptíveis que sejam. Dizer que o dispositivo de sexualidade substituiu o dispositivo de aliança não seria exato. Mas de fato, hoje, se por um lado, tende a recobri-lo, nem o suprimiu nem tornou inútil. Historicamente, aliás, foi em torno e a partir do dispositivo de aliança que o de sexualidade se instalou.

Enfim, as relações sociais no que se refere à identidade sexual precisa, ainda, ser educada, visto que são identificadas parcelas de discriminação causada pela não aceitação das novas identidades hoje construídas e assumidas e que diferem dos padrões tradicionais, estabelecidos socialmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o intuito educacional de ampliar o saber, este artigo foi produzido num diálogo teórico o qual centralizou questões de gênero e sexualidade, contribuindo para a compreensão do próprio poder estabelecido pelo meio social sobre a formação e/ou (des)construção de identidades. Além disso, houve um desdobramento dos estudos socioculturais, em que a questão identitária foi pesquisada e discutida sob diferentes perspectivas, permitindo um aproveitamento no que diz respeito à atuação do sujeito na sociedade e à caracterização simbólica representada pelas “marcas” culturais.

Em suma, foi de grande importância esclarecer aspectos relacionados aos conhecimentos ligados à Língua, Cultura e Identidade, ancorados em discursos como expressões identitárias, linguísticas e histórico-culturais, que trazem as marcas de suas fronteiras e da circulação que atuam no processo de alteridade.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel; **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza de Costa Albuquerque e J. A. Quilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

HALL, Stuart; **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. 7 ed. Tradução Thomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LOURO, Guacira Lopes (org.); **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. 6 ed. Campinas-SP: Pontes, 2005.

SILVA Thomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.